

Miguel Barnet

O poeta na ilha

Tradução
José Eduardo Degrazia

Editora Penalux, 2019

O POETA NA ILHA

PREPARAÇÃO
França e Gorj

IMAGEM DA CAPA
Depositphotos

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Murilo Guerra

EDIÇÃO
2019

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B261p BARNET LANZA , Miguel. 1940 -
O poeta na ilha / Miguel Barnet Lanza;
trad.: José Eduardo Degrazia

Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019

66 P. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-603-1

1. Literatura cubana 2. Poesias cubanas I.
DEGRAZIA, José Eduardo II.Título.

CDD.: CB870

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura cubana



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução de qualquer
parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa
do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

JÁ NÃO SE ESCREVEM CARTAS

Hoje não chegou nenhuma carta
e é porque já não se escrevem cartas.
Tem que se botar a voar,
ou trepar nas árvores
ou riscar o céu com uma tesoura.

Algo precisa ser feito
porque já não se escrevem cartas.

Somos uma porta muda, fechada
e atrás dela estão os oráculos,
mas como chegar a eles,
como decifrá-los,
como saber se apostam em nós,
se nem sequer podemos nos ver em espelhos?

Hoje não chegou nenhuma carta
algo precisa ser feito
porque o tempo corre como uma máquina estranha
que se adianta à terra
quando ainda não conseguimos organizar o coração.

PALAVRAS

Por que, às vezes me pergunto,
as palavras se escondem e fogem de mim?
Por que nem sempre estão à flor da pele
quando preciso delas?
Por que fogem implacáveis quando deveriam estar
como coisas, fiéis, como um copo d'água?
Por que nunca saltam como o peixe, por que não
rompem o silêncio das vidraças e dão
uma resposta certa e definitiva ao tempo que se vai?
Por que, quando não existe outra salvação não chegam
puxando, irrompendo, saciando essa fome
estranha e misteriosa?
E por que, quando finalmente aparecem, efêmeras,
escapam ao seu próprio destino?
ao simples desiderato de estar entre nós?
Por que nunca estão realmente?
E tu, por que também, como a palavra,
te escondes e foges de mim?
Por que não estás quando preciso de ti?
quando não há mais possibilidades
que a tua voz rompendo o silêncio
que o teu corpo saltando como um peixe,
que os teus olhos atravessando a minha vida

FALAR DA GUERRA

Não fazemos outra coisa
que falar da guerra
meus antepassados e os antepassados
dos meus antepassados
não faziam outra coisa
que falar da guerra.

A guerra é como o pão
de todos os dias:
impossível não o levar à mesa.

Nos vestimos para falar da guerra
e nos despimos para ela.

Quando deixaremos de falar da guerra?

Chegará o dia em que o pão
não nos saiba a pólvora,
em que as balas deixem de silvar
nas janelas,
em que nos sentemos à mesa
para falar de astrologia ou de futebol?

Mas aí, quando esse dia chegar
teremos ainda garganta para cantar a vitória?

O CRISTO

A família se reúne em volta da grande mesa,
murmuram sobre a existência de Cristo,
eu sei.

Atrás deles, o desenho a óleo de impávidos olhos azuis
e face rosada.

O que diriam se o Senhor fosse negro
ou talvez chinês
com os olhos cosidos com puro fio de Shangai?

O POETA NA ILHA

Nem o jacaré escuro,
nem a cana vertical e mitológica,
nem Oxum nadando em meio à água dourada do
sonho,
nem Santa Bárbara ardendo na noite do amor,
nem a incansável noite dos sentidos
Nem a *Giraldilla*¹ imóvel
para o mais remoto dos pontos cardeais,
nem a Avenida do Porto empurrando as águas
para não se sabe onde
Mas o fundo provocativo,
a cavidade arenosa da Ilha,
perguntando por mim,
procurando uma resposta minha.

1. Pequena estátua de mulher localizada no topo do castelo da Força, no centro antigo de Havana.

SUÍTE CUBANA

Um estrondo de folhas sibilantes
preenche a minha vida
As flores do jardim do meu Comitê de Defesa
estalam em pequenas cores
pleno pelo iodo e pela voluptuosidade
um negro de dente de ouro se abana
ao estilo dos anos cinquenta
e exhibe sua camisa polvilhada
Minha vizinha Flor
chora nos filmes argentinos
e escreve à máquina poemas malucos
Numa confabulação de notas estridentes
Dois noivos entoam um bolero de Orlando de la Rosa²
Alheios aos *bluejeans* e à Streissand
As mulheres urbanas requebram untadas de salitre
A tristeza é uma simples desesperança
de olhares perdidos e lábios vermelhos
Se pudesse dançaria uma moda de Valenzuela³
com Mariana Gambrino
porque eu também sou do trópico
e morro por cantar à porta dos enamorados
Agora que as sílabas do meu coração
amanheceram na minha casa
reparto minha voz aos quatro pontos cardeais
com marimba e tambor
e proclamo que vivo loucamente apaixonado pelo meu país

2. Orlando de La Rosa (1919-1957), pianista e compositor cubano.

3. Raimundo Valenzuela de León (1848-1905) compositor de danças e valsas.

COM PATA DE GATO

O vento queimou o meu pelo
o vento frio, que varre o solo
Com pata de gato caminho na escuridão
Com cautela, como uma fera prevenida,
aproximo-me ao teu coração
O olfato e a noite são a minha bússola
Já que não sabes que existo
te expões ao abandono e ao medo
Depois tudo é tão frágil
no curso da vida
e não sabes fugir
Entre nós aflora só a chuva
que espelha os teus braços
Não podes me ver porque estou escondido na árvore
A noite, pródiga dos meus sonhos, me joga de novo
um feio tiro
Feroz, bebo da tua nudez até quando os meus lábios
secam ou se esquecem
Infelizmente uma flecha atravessa o teu coração
para refazer a minha imagem, para te ressuscitar
Não culpo a noite pela tua aparição
mas aos seus demônios.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Impresso em Pólen Bold 90g/m² em
São Paulo para Editora Penalux, em novembro de 2019.